



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SAMUEL MENDES DE SOUSA

**ELEMENTOS DO GÊNERO PARÁBOLA: UMA PERSPECTIVA
DA ENUNCIÇÃO BAKHTINIANA**

**GUARABIRA – PB
2012**

SAMUEL MENDES DE SOUSA

**ELEMENTOS DO GÊNERO PARÁBOLA: UMA PERSPECTIVA
DA ENUNCIÇÃO BAKHTINIANA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como parte das exigências do
Curso de Licenciatura Plena em Letras,
para obtenção do título de licenciado.

Professor Orientador: Esp. Antonio
Flávio Ferreira de Oliveira

GUARABIRA – PB
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S719e

Souza, Samuel Mendes de

Elementos de gêneros parábola: uma perspectiva da enunciação Bakhtiniana / Samuel Mendes de Souza. – Guarabira: UEPB, 2012.

13f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Esp. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira”.

1. Gênero Discursivo 2. Enunciação 3. Parábola
I. Título.

22.ed. CDD 801.951

SAMUEL MENDES SOUZA

**ELEMENTOS DO GÊNERO PARÁBOLA: UMA PERSPECTIVA DA
ENUNCIÇÃO BAKHTINIANA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba, como parte
das exigências do Curso de Licenciatura Plena
em Letras, para obtenção do título de
licenciado.

Professor Orientador: Esp. Antonio Flávio
Ferreira de Oliveira

Aprovada em 26 de junho de 2012.

Antonio Flávio Ferreira de Oliveira

Prof. Esp. Antonio Flávio Ferreira de Oliveira
Orientador

CPF: 041366134-82

Marilene Carlos de Melo Vale

Prof.^a Dr.^a Marilene Carlos de Melo Vale

Examinadora

CPF: 070852904-63

Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Prof.^a Dr.^a Wanilda Lima Vidal de Lacerda

Examinadora

CPF: 025071014-34

ELEMENTOS DO GÊNERO PARÁBOLA: UMA PERSPECTIVA DA ENUNCIÇÃO BAKHTINIANA

SOUSA, Samuel Mendes

RESUMO

Este artigo intenciona investigar no gênero parábola, através da Teoria da Enunciação Bakhtiniana, o processo de construção estrutural desse gênero. As investigações partiram da problemática caracterizada pela premissa de *como se estrutura a parábola, para estabelecer um todo do enunciado marcado pela especificidade da esfera da comunicação?* Para sustentar essa problemática, foram instauradas as hipóteses que firmam (i) a estrutura da parábola fundamentada pelos enunciados que refletem condições específicas e as finalidades das esferas da comunicação; e (ii) os enunciados das parábolas estruturados por conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. O objetivo principal foi fundamentado na ideia de investigar a estrutura do gênero propagado a partir da teoria supracitada. Para seguir os vestígios da pesquisa, foi escolhida a *Parábola do Filho Pródigo*, escrita no capítulo 15 do livro de Lucas da Bíblia Sagrada. Como resultado, ficou estabelecido que a comunicação, no gênero indicado, acontece pela relação da estrutura linguística do discurso atrelada a sua estrutura composicional, bem como com a interação que ativa os locutores, interlocutores e seus contextos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Gênero Discursivo. Parábola.

1. INTRODUÇÃO

Devido à importância e ao acréscimo de discussões formuladas entorno dos gêneros bakhtinianos, que vêm sendo investigados permanentemente por vários pesquisadores, tal pesquisa surge com o interesse de classificar as parábolas bíblicas como gênero discursivo (GD) na perspectiva da teoria de Bakhtin.

Partindo desse pressuposto, este artigo tem o título em voga, bem como a Parábola do Filho Pródigo apontada como objeto de investigação, constituindo um documento que registra a cultura de uma época, além de revelar o estilo do locutor, que neste caso, na parábola, é a figura de Jesus Cristo, dita pelo escritor deste GD.

A partir desse teor, deu-se início à especulação que norteou o objetivo de compreensão e exposição da teoria enunciativa bakhtiniana (TEB), dando atenção especial ao GD, que a partir de seu conteúdo temático, construção composicional e estilo, destaca aspectos que constituem a cultura da época em que foi produzido, e também a identidade do locutor e das pessoas envolvidas nessa situação.

Ao identificar a parábola como GD, verifica-se suas características, visando às múltiplas situações de interlocução, tornando-as mais significativas. Sua leitura apresenta diversas conjunturas quanto à significação e, por não ser trabalhada convenientemente, restringe atividades e aumenta, proporcionalmente, o esforço em busca de informações. Isto motivou muitas reflexões e incentivou novos estudos nesta área. Destarte, essa abordagem privilegia a interação, a análise linguística e proporciona novas facetas atreladas às parábolas bíblicas. Embora esta análise se concentre apenas em uma parábola, ela pode ser generalizada às demais, pois segue uma única linha metodológica em toda sua coleção.

Para a sistematização dessa indagação minuciosa quanto à análise e explicação do objeto de estudo, foi preconizada a problemática fundamentada na premissa de: *como se estrutura a parábola, para estabelecer um todo do enunciado marcado pela especificidade da esfera da comunicação?* Como respaldo para essa proposição, foram percebidas, a priori, as seguintes hipóteses: (i) primária – que estabelece a estrutura da parábola fundamentada pelos enunciados que refletem condições específicas e as finalidades das esferas da comunicação; (ii) secundária – que firma os enunciados das parábolas estruturados por conteúdo temático (tema), estilo verbal (estilo) e construção composicional. O objetivo principal foi instaurado na égide da investigação da estrutura da parábola nos confrontos do vislumbre da TEB.

Na seção 2, será apresentado um panorama da TEB. Na 3, a concepção de GD no prisma da TEB. Posteriormente, discorrer-se-á acerca dos procedimentos metodológicos para a composição da pesquisa. Por último, a dissecação da parábola que caracteriza o objeto de estudo posto em menção.

2. PANORAMA DA TEORIA ENUNCIATIVA BAKHTINIANA

De acordo com Bakhtin/Volochínov (2010), não se pronuncia ou se escuta palavras, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais,

agradáveis ou desagradáveis, etc. A vida é constituída por interações sociais, e esta relação social de dois ou mais indivíduos permite ao ser humano as mais diversas experiências e aprendizados, tornando-se condição indispensável para a associação humana. Através disto, os indivíduos se tornam mais preparados para agir nas inúmeras situações que a vida os proporciona.

No contexto social, passa-se a observar a importância da comunicação, sendo a forma com que as pessoas se relacionam entre si, dividem e trocam experiências, ideias, pensamentos, sentimentos, informações e a maneira apropriada da expressão individual nos diversos âmbitos sociais. Nessa relação, ressalta-se a determinada relevância na percepção da importância de usar bem as palavras, desde um pedido de desculpas aos pais, até aquela conversa baixinha ao ouvido, na tentativa de conquistar alguém. Desta maneira, percebe-se o sentido valorativo, que não se encaixa na pobreza vocabular nem no repertório utilizado no discurso, mas na percepção e compreensão do ouvinte, onde a má elaboração de uma conversa ou uma palavra mal colocada pode machucar, causar discussões ou até mesmo julgamentos de perfil, sendo o processo de compreensão iniciado desde a primeira palavra citada pelo falante.

Toda compreensão é resultado de um efeito retardado, que é a resposta de algo que foi anteriormente ouvido e assimilado. A fase preparatória da resposta se baseia nos signos ideológicos interiores. Adquire o exposto anterior e se renova no momento de sua expressão, como produto de interação das forças sociais. Os signos ideológicos seriam, assim, o valor apreciativo que se dá as palavras, refletindo a realidade. Aproximando-se de outros signos já existentes, a compreensão seria resposta a um signo por meio de signos - uma amostra ideológica do aspecto interior exteriorizado (*idem*).

Para Bakhtin (2011, p. 283): “aprender a falar, significa aprender a construir enunciados”. Sendo assim, o enunciado é o emprego da língua, o reflexo das condições específicas e as finalidades de cada referido campo (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas).

A enunciação estabelece “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”, (BAKHTIN/VOCHÍNOV, 2010, p. 116). No domínio da TEB, as enunciações são oriundas do exterior do indivíduo. Nesse orbe, enunciação constitui “[...] um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado, pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (*ibidem*, p. 126)”.

Toda palavra possui uma carga ideológica (*idem*), carga essa que não chega ao conhecimento humano a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados que se ouvem e reproduzem. Essa carga é dada através da interação social e a enunciação se realiza no curso da comunicação verbal. As palavras interagem, constituem-se, refratam-se, possuem acentos e entonações próprias (FIORIN, 2008). O enunciado firma a réplica de um diálogo. Para Bakhtin (2010), produzir um enunciado, nada mais é do que recordar diálogos anteriores; ou seja, compreender um signo, seria aproximar o signo de outros já conhecidos.

Um enunciado quando permite resposta do outro está acabado (*idem*), sendo um produto exclusivamente social, permite ao locutor a percepção do ponto de vista do receptor, solicitando uma resposta que ainda não existe. Neste caso, o interlocutor tem uma atitude responsiva, já que toda compreensão é preche de resposta, podendo: concordar ou discordar, completá-la, aplicá-la, usá-la, - o interlocutor, assim, obrigatoriamente, torna-se falante.

Segundo Bakhtin (2011, p. 275), “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro”. Tal alternância é o que diferencia o enunciado da unidade da língua. Enquanto as unidades da língua não têm destinatário, não permitem uma resposta - são neutras; já os enunciados, sem tais atributos, não existem. Portanto, os enunciados seriam a representatividade verbal, das vivências sociais, a expressão do tom valorativo, a assimilação e o reacentuamento, sendo um elo na cadeia da comunicação discursiva.

3. GÊNERO DISCURSIVO NO PRISMA BAKHTINIANO

Os GD são tipos relativamente estáveis de enunciados (*idem*). Sendo assim, os enunciados dão aos GD natureza infinita, desenvolvidos nas condições da comunicação discursiva imediata. Aprender a falar, significa aprender a construir enunciados, que se desenvolvem em forma de GD. Quando se diz que os enunciados possuem formas relativamente estáveis, intenciona-se que o indivíduo exprime seu pensamento e apresenta sua compreensão responsiva, através de determinados GD.

A intenção discursiva do falante é especificada, antes de tudo, na escolha de certo GD. Tal decisão é tomada pela relevância da situação concreta da comunicação, e seus participantes - isto devido ao fato de que o GD estabelece uma interconexão da linguagem com a vida social.

Esses GD são dados quase que da mesma forma que é dada a língua materna. Segundo Bakhtin *apud* Fiorin (2008, p. 69) “os GD são meios de aprender a realidade. Novos modos de ver e de conceptualizar a realidade; implicam o aparecimento de novos GD e a alteração dos já existentes”. Ou seja, os GD, refletem a vivência nas esferas sociais. São dados e, através destes, ocupa-se uma posição responsiva que, além de expressar a individualidade, dá a palavra, certa expressão típica do enunciado, que corresponde a situações típicas da comunicação discursiva.

Os GD são realizados nas coordenadas espaço-temporal, na qual os parceiros mantém certa relação em determinada esfera da ação, levando a fundo a percepção do interlocutor do discurso de um determinado locutor. Bakhtin (2011) divide os GD em primários e secundários. Os primários configuram os gêneros da vida cotidiana, principalmente os orais. Os secundários, providos em sua maioria de características escritas, são os que pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada. Dessa forma, cria-se uma interdependência entre ambos, na qual os secundários acabam absorvendo os primários, com a perda de sua relação com o contexto imediato, podendo ainda cruzar-se onde os secundários se valem de outro gênero secundário.

A riqueza e a variedade dos GD são infinitas, importando apenas sua vinculação com uma esfera de atividade, não sendo propriedades formais de uma esfera de ação. Os GD unem estabilidade e instabilidade, permanência e mudança.

4. METODOLOGIA

Durante a formulação dessa pesquisa, diversos elementos se apresentaram necessários para sua composição. Contudo, foi traçado um plano sequencial constituído por: (i) levantamento do problema, (ii) levantamento das hipóteses, (iii) coleta de dados, (iv) análise e interpretação dos dados, e (v) resultados.

Tal pesquisa se define em conformidade com o escopo qualitativo, por: apresentar caráter exploratório que estimula o pensamento e caracteriza o surgimento de

aspectos subjetivos; atinge motivações não explícitas ou, até mesmo, inconscientes, de maneira espontânea, sem deixar de abrir espaço para a interpretação. Prioriza o método de investigação indutivo, no qual o pesquisador desenvolve conceitos, ideias, e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados.

O corpus deste trabalho é constituído por uma parábola bíblica (a *Parábola do Filho Pródigo*), que serve como base de análise para pesquisa. Tal parábola foi retirada da Bíblia Sagrada Tradução de João Ferreira de Almeida: Revisada Imprensa Bíblica – 2001. Está escrita no livro de Lucas, capítulo 15, versos de 11-32.

Depois da coleta de tais dados, foram estabelecidos os seguintes critérios: (i) discorrer o gênero parábola, (ii) descrever a composição da estrutura da parábola, (iii) explicar como tal estrutura estabelece a comunicação através dos enunciados, (iv) analisar a teoria em paralelo com os enunciados do gênero da parábola em questão.

5- ESTRUTURAS DA PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

Ao contar uma história, transporta-se o interlocutor para outra realidade, criando um mundo narrativo, em que as histórias estabelecem um universo irreal e controlado. Para Snodgrass (2011, p. 24), “uma parábola é muito mais do que uma simples história”. Ela não seria um simples meio de explicar ou convencer, mas uma forma de reafirmar um tópico de retórica. As parábolas de Jesus pressupunham o Reino de Deus, apresentando tanto o caráter de Deus, como as suas expectativas acerca da humanidade.

As parábolas (no caso das de Jesus) imprimem histórias com propósito. O propósito que Jesus desejou transmitir - a articulação entre a relação “vida e Deus” (*idem*). Elas, na verdade, apresentam um elevado teor de prescritivismo; estabelecem um normativismo ético-moral nas relações intersubjetivas com a deidade. Com o seu poder discursivo, conduz o indivíduo a abandonar a resistência concernente às “coisas mundanas” e vivenciar sua mensagem.

Conceituar a terminologia parábola, seria correr o risco de não englobar todas as formas que a mesma revela. Cada parábola precisa ser abordada de maneira exclusiva, pois são histórias terrenas que expressam significados celestiais. Funcionam como lentes que fazem com que as pessoas enxerguem a verdade da moral cristã, bem como corrijam a distorção da visão imposta pelos modelos seculares que firmam os

relacionamentos entre o homem e Deus. Elas transmitem mensagens “divinas” para a humanidade – propiciam a reflexão; compõem uma ponte entre a vontade do locutor e a realidade do interlocutor.

Esse GD estimula à consciência. Por ser um instrumento emblemático, chama a atenção do ouvinte e o estimula a uma compreensão mais aprofundada que gera ação. Serve-lhe como “ferramenta profética” - mostra o que a humanidade é e o que pode se tornar. Utilizam outra pessoa (locutor) e outro assunto (mensagem), para se dirigir indiretamente ao interlocutor.

O livro de Lucas, contém a maior parte das parábolas encontradas na Bíblia (*idem*). Nesse entorno, está a *Parábola do Filho Pródigo*, que faz parte de um agrupamento de três parábolas no capítulo 15 do livro de Lucas. Institui uma sequência da parábola da ovelha perdida e da dracma perdida, que compõem uma resposta dada a alguns homens ricos (denominados publicanos) que eram os responsáveis pela arrecadação de taxas, tributos e impostos; murmuravam, dizendo que Jesus, recebia pecadores e comia com eles.

De acordo com os apontamentos da Literatura Judaica, Jesus conhecia o homem: Ele era um. Desse modo, entendeu que a melhor maneira de responder aos questionamentos, de pregar e expor a vontade de seu Pai, era através das parábolas; pois com elas, estaria levando seus interlocutores a pensarem - motivo que evitaria um confronto imediato; além de deixar a história como aprendizado, facilitava a aprendizagem da pregação sobre o Reino de Deus.

Na *Parábola do Filho Pródigo*, preconiza-se que Deus perdoa e recebe os pecadores da mesma forma que um pai amoroso perdoa e acolhe novamente um filho desobediente. Dessa maneira, Jesus representa um locutor que transmite uma comunicação duplamente indireta, que apresenta uma comparação implícita em uma história fictícia a qual narra um acontecimento específico, objetivando transmitir uma verdade moral ou espiritual. Nesse prisma, Jesus (locutor) se comunica indiretamente com o(s) interlocutor(es). Daí, um homem que tinha dois filhos representa o relacionamento de Deus com as pessoas.

Essa Parábola compõe uma história breve. É composta por 22 versículos que não apresentam detalhes de seus personagens, como sua aparência, sua história ou a sua psicologia. Faz com que o ouvinte imagine as pessoas. Todas as personagens são anônimas. Por exemplo: é desnecessário perguntar pela mãe nesta parábola; é uma

parábola marcada pela simplicidade, onde não se percebe o pai interagindo ao mesmo tempo com o filho pródigo e com o seu irmão mais velho. Concentra-se, essencialmente nas pessoas - aspecto que instiga o interlocutor a uma reação. Vigora uma descrição fictícia tirada da vida cotidiana, bem como um texto atraente, que desperta o interesse individual.

Ao conceber a parábola como GD na perspectiva da TEB, percebe-se sua estrutura fundamentada em: (i) conteúdo temático, (ii) construção composicional e (iii) estilo – estes, interligados no todo do enunciado, foram determinados em um certo campo da comunicação.

O conteúdo temático é o domínio de sentido de que se ocupa o GD. Este é dado por meio de uma compreensão responsiva de efeito retardado, sendo uma fase preparatória da resposta, que afeta o comportamento do ouvinte. Dominar o conteúdo temático, nada mais é do que aprender a utilizar o GD de maneira adequada, nos mais diversos âmbitos sociais.

A construção composicional é o modo de organizar o texto, sendo a forma de moldar, de maneira rápida, seu discurso, refletindo de modo mais sutil e flexível a singular situação da comunicação ancorada num tempo, num espaço e numa relação de interlocução. Esta parte estrutural da parábola possibilita o contato da língua com a realidade, onde a língua passa a integrar a realidade.

O estilo é uma seleção de meios linguísticos, indissociável de determinadas unidades temáticas, de tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva. As mudanças de estilo estão ligadas às mudanças de GD: onde há estilo, há gênero através do estilo.

De acordo com Bakhtin (2011, p. 270) “a língua é deduzida da necessidade do homem de autoexpressar-se, de objetivar-se”. O enunciado visa satisfazer ao próprio enunciador. Através das parábolas, os interlocutores compreendiam de forma tardia o que Jesus queria transmitir; razão pela qual se evitava possíveis debates. Não existindo uma resposta imediata em voz alta ao enunciado; depois do pronunciado, a compreensão ativamente responsiva do interlocutor, pode se realizar na ação (por exemplo, passar a seguir Jesus); pode ser compreendido, numa ação responsiva silenciosa, sendo uma compreensão de efeito retardado em que, cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido, responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do interlocutor.

Em consonância com o aporte teórico supracitado – que demonstra a fundamentação da estrutura – doravante, verificar-se-á esse teor a partir da parábola selecionada para análise.

Parábola do Filho Pródigo

- 11 Disse-lhe mais: Certo homem tinha dois filhos.
12 O mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me toca. Repartiu-lhes, pois, os seus haveres.
13 Poucos dias depois, o filho mais moço ajuntando tudo, partiu para um país distante, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente.
14 E, havendo ele dissipado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a passar necessidades.
15 Então foi encontrar-se a um dos cidadãos daquele país, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos.
16 E desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam; e ninguém lhe dava nada.
17 Caindo, porém, em si, disse: Quantos empregados de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!
18 Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e diante de ti;
19 já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados.
20 Levantou-se, pois, e foi para seu pai. Estando ele ainda longe, seu pai o viu, encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.
21 Disse-lhe o filho: Pai, pequei conta o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.
22 Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e alparcas nos pés;
23 trazei também o bezerro, cevado e matai-o; comamos, e regozijemo-nos,
24 porque este meu filho estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado. E começaram a regozijar-se.
25 Ora, o seu filho mais velho estava no campo; e quando voltava, ao aproximar-se de casa, ouviu a música e as danças;
26 e chegando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo.
27 Respondeu-lhe este: Chegou teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo.
28 Mas ele se indignou e não queria entrar. Saiu então o pai e instava com ele.
29 Ele, porém, respondeu ao pai: Eis que há tantos anos te sirvo, e nunca transgredi um mandamento teu; contudo nunca me deste um cabrito para eu me regozijar com meus amigos;
30 vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado.
31 Repliou-lhe o pai: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo o que é meu é teu;
32 era justo, porém, regozijarmo-nos e alegramo-nos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado.

(Rksoft - Bíblia Eletrônica Tradução de João Ferreira de Almeida. Revisada Imprensa Bíblica, 2011)

Concernente à parábola supracitada, foram abordados os seguintes critérios:

Em relação ao conteúdo temático, verificou-se (i) o tema abordado; (ii) a relação com o mundo real, (iii) a localização histórica, (iv) as características culturais, (v) as características ideológicas, e (vi) a ilustração dos personagens.

Nesse entorno, a figura do pai que, recebe o filho desertor, de braços abertos, apresenta o tema abordado, no qual o próprio Deus acolhe os pecadores, sem questioná-los ou puni-los, mas agindo como um pai, quando vê um filho voltando para casa. Ao apresentar tais características, Jesus estava mais que explicando simples questionamentos, mas demonstrando sua visão de mundo real. Expunha um Deus que entendia a situação do homem e está disposto a ajudá-lo.

Quando falou esta parábola, Jesus estava em Jerusalém, local em que viveu seus últimos dias e foi crucificado. Sabedor de que estavam o procurando, a parábola do filho pródigo é um dos últimos momentos de Jesus antes de sua crucificação. A cidade que estava sobre domínio romano, vivia uma crise de autoridade nos meios judaicos em Jerusalém, além do surgimento de novos grupos ou “seitas” que reivindicavam uma nova aliança com o Deus de Israel.

No princípio, Jesus era apenas um contestador, como muitos outros no contexto de crise religiosa que Jerusalém vivia. Depois, foi se tornando um rebelde que precisava ser eliminado. A ilustração dos personagens, mas do que atrair a atenção dos interlocutores para suas explicações, permite à compreensão da situação social em que aquele enunciado foi produzido, determinando o objetivo e a atitude responsiva ativa do interlocutor. Deus agora deixava de ser um ser inalcançável e passava a ser um pai que está(va) pronto para receber seus filhos.

No que tange à construção composicional, percebeu-se (i) o tempo e espaço; (ii) os elementos da narrativa, (iii) o título; e as (iv) a estrutura textual.

Toda ação de linguagem sempre será constituída por um processo de inserção individual no social. O tempo e espaço, nesta parábola, não são definidos - não sabendo se tal história foi vivida por Cristo ou não. É uma narrativa curta, que apresenta os elementos básicos da narrativa, como fato, personagens, causa, modo de como ocorreu e consequências.

Contendo uma linguagem simples, que se direciona ao povo, o título torna-se chamativo pela significação de pródigo, que indica aquele que dissipa seus bens, que gasta mais do que o necessário. Narrada em 3ª pessoa, apresenta uma situação

problemática, perpassado por certa argumentatividade. Certamente, ao usar tal parábola, Jesus estava indo muito mais além, do que contar simples histórias.

E por fim, referente ao estilo, concebeu-se (i) o individualismo; (ii) o vocabulário, (iii) as estruturas frasais, e (iv) as preferências gramaticais.

Contada através de um discurso direto, onde o narrador transcreve as próprias falas dos personagens, adjetiva os personagens, caracterizando-os, o que determina o conflito e o desfecho da narrativa. É narrada no tempo predominantemente pretérito perfeito, representada pelos verbos: dissipou, perguntou, respondeu, agregou etc. Refere-se aos personagens, fazendo uso do artigo *o*, identificando-os como aqueles já mencionados. A parábola apresenta personagens cotidianos para referir-se a temas celestiais, com uma linguagem denotativa, que personifica o próprio ser humano.

Apesar de tais denominações o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo não funcionam de forma autônoma, um está intrinsecamente ligado ao outro - dependente do outro, num processo dialógico.

6. CONCLUSÃO

Como foi compreendido na hipótese primária, a estrutura da parábola está fundamentada pelos enunciados que refletem condições específicas e as finalidades das esferas da comunicação. Por enunciado, atrelado a TEB, fica fixada a noção da “materialização da interação verbal de sujeitos históricos” (FLORES, 2009, p. 99). Na parábola em voga, para o locutor transmitir significados às palavras, ele dispõe do aspecto que envolve essas palavras no processo histórico compreensivo, ou seja, para realizar seu propósito comunicativo, usa palavras que esses indivíduos as têm concebido e compreendido a partir das relações interativas com os outros indivíduos, no prisma social.

A premissa da hipótese secundária preconiza que a estrutura que compõe os enunciados da parábola, já que o GD é constituído de enunciados, está formada por elementos condizentes ao tema, estilo e composição. Deste modo, percebe-se que na estrutura desse GD, o processo de comunicação interacional transcende a conjectura estrutural formal imanente. No que categoriza a TEB, o enunciado “compõe duas faces

indissociáveis: uma verbal (relacionado à estrutura linguística) e outra extraverbal - contexto mais amplo (*idem*).

Relacionando a materialização da interação verbal à estrutura que compõe os GD, resulta-se a configuração do significado construído a partir de (i) aspectos dialógicos; (ii) expressão individual que constrói esses aspectos sofreados à orientação social; e, por fim, e (iii) organização da estrutura discursiva (como se inicia, como se desenvolve, como termina, como se dispõem e se articulam as informações) que está imbricada a esses elementos.

ABSTRACT

This article tends to investigate in the parable genre, through Bakhtin's Enunciation Theory, the process of this genre's structure construction. The investigations became from the problematic characterized by the premise of *how the parable is structured to establish the announce whole marked by the specificity of communication field?* To support the problematic, they were firming the hypotheses that states (i) parable structure founded by announces that reflect specific conditions and finalities in the field of communication; and (ii) parable's announces structured by thematic content, verbal style and compositional construction. The principal objective was firming on the idea of investigating genre's structure from the above theory. To examine the research object, it was selected the *Parable of the Lost Son*, written in chapter 15 in the book of Luke from the Holy Bible. As a result, it was established that communication, in the indicated genre, is performed by the relation of discourse linguistic structure paralleled to its compositional structure, as well the interaction that activates the announcers and their social contexts.

KEY-WORDS: Enunciation. Discourse Genre. Parable.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Rksoft - Bíblia Eletrônica**. São Paulo: Revisada Imprensa Bíblica, 2011.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martin Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. / VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2008.

SNODGRASS, Klyne. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus: guia completo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.